

## **EXPERIÊNCIAS DE UM CANDANGO: história, memória e história oral**

Heloisa Helena Pacheco Cardoso<sup>1</sup>  
Universidade Federal de Uberlândia

Trabalhando com o período da construção da cidade de Brasília, um dos projetos da política desenvolvimentista dos anos JK, busco recuperar, nas memórias dos trabalhadores, os sentidos atribuídos por eles às suas vivências no espaço da cidade em construção e como elas são recordadas depois de aproximadamente 30 anos, na qualidade de moradores na capital. Quais os significados de suas narrativas no contexto social no qual estavam e estão inseridos.

Neste texto, utilizo para análise o depoimento de Eronildes Guerra de Queiroz, concedido, em 1991, ao Programa de História Oral do Arquivo Público do Distrito Federal. Esta é uma das entrevistas feita pelo programa, que foi desenvolvido entre 1987 e 1994. Nele, o Projeto Memória da Construção de Brasília gravou depoimentos com pessoas que de algum modo participaram na construção da nova capital, operários de obras, funcionários de escritório, engenheiros, arquitetos, jornalistas e outros, onde se insere o de Queiroz.<sup>2</sup>

A entrevista de Eronildes Guerra de Queiroz é temática, feita a partir de um roteiro que aborda os dados biográficos do depoente, sua transferência para Brasília, atividades durante a construção, suas visões sobre condições de vida, lazer, moradia, alimentação, salário, violência policial, acidentes de trabalho, atendimento médico. Este é um roteiro que serve de fio condutor não só para esta, mas para todas as outras entrevistas gravadas. O roteiro básico desenvolvido pelos pesquisadores do APDF, a ser seguido desde os contatos preliminares com o depoente, demonstra a preocupação com informações centradas nas atividades exercidas na capital durante a construção. Além da data e local de nascimento, formação profissional e uma indagação de como se deu a mudança para Brasília, interessava saber as funções exercidas, os cargos e as obras das quais participou. Desta forma, entendo que a transferência para o Planalto Central aparece como um divisor entre tempos vividos pelo depoente, ressaltando o tempo da capital e nele a cidade e suas obras.

---

<sup>1</sup> Professora do Instituto de História/ UFU. Doutora em História Econômica pela USP.

<sup>2</sup> QUEIROZ, Eronildes Guerra de. **Depoimento**. Programa de História Oral. Brasília: Arquivo Público do Distrito Federal, 1991, 51 p.. Entrevista realizada por Vera Lúcia Pereira Duarte e Marli Guedes da Costa. A entrevista foi gravada no dia 10 de dezembro de 1991, no Arquivo Público do Distrito Federal, com duração de três horas e vinte minutos.

Queiroz chegou na região do Planalto Central em 10 de abril de 1957<sup>3</sup>, vindo de Pernambuco, após uma viagem de aproximadamente 15 dias. Neste ano trabalhou em um areal em Anápolis. A partir de 1958, em Brasília, exerceu, no período da construção da cidade, as funções de motorista, servente e cozinheiro na Construtora Pacheco Fernandes Dantas, funções que lhe possibilitou o contato com pessoas diversas e o coloca, ao mesmo tempo, como participante e observador do dia-a-dia nos canteiros de obra. Um total de 124 firmas de serviços de engenharia e assemelhados foram contratadas pela NOVACAP, a maioria do eixo Rio/ São Paulo/ Minas Gerais. A Construtora Pacheco Fernandes era uma das 32 empresas paulistas<sup>4</sup>.

Indagar sobre o lugar que esse trabalhador ocupou e ocupa na constituição da cidade a partir de sua própria narrativa, onde vivências do passado são lembradas nos anos noventa, coloca o depoente no centro de um enredo tecido por ele, que recupera sua participação na edificação de Brasília a partir de duas posições inter-relacionadas: a de trabalhador e a de espectador. Considerando o depoimento de Queiroz uma fonte histórica exemplar para a recuperação de outras possibilidades de interpretação que não aquelas construídas pela memória oficial, o meu olhar nesta narrativa caminha no sentido de desvendá-la enquanto expressão de práticas sociais, guardadas e lembradas pela memória, que foram comuns naquele espaço, mas ao mesmo tempo reconhecendo-a individualizada no seu modo de perceber e contar os acontecimentos.<sup>5</sup>

Nascido na Fazenda Panorama, no município de São Vicente Ferrer, em 1935, Queiroz possui o curso primário, assim como os outros seus irmãos -- "*tudo assim semi analfabetos quase*" --, com exceção da irmã formada em medicina, na cidade de Recife. Trabalhou na agricultura, em um pedaço de terra dado pelo pai, onde "*plantamo banana, laranja, abacate, limão ... feijão fava, feijão boca-de-moça, essas coisas. A fava boca-de-moça que era a mais gostosa, era porque era a mais gostosa a gente botava o nome dela de boca-de-moça*". Essas lembranças agradáveis se mesclam com outras, as das dificuldades enfrentadas pelo nordestino pobre.

As adversidades relatadas na descrição do deslocamento de Pernambuco para Goiás, um Estado até então desconhecido para a população do interior do nordeste -- "*ninguém sabia onde era o Goiás; onde é esse Goiás? Ficava todo mundo: não, para ir para lá como é que faz? E ficava aquela luta*" --, e a trajetória de viagem sinuosa, de cidade em cidade, me faz indagar sobre os significados que uma mudança de vida como esta teve para um trabalhador como Queiroz, que

---

<sup>3</sup> Os dados sobre o depoente que constam neste texto foram extraídos da própria entrevista e do diário de campo que a acompanha.

<sup>4</sup> LOPES, Luís Carlos. **Projeto Brasília: modernidade e história**. São Paulo: FFLCH/ Dep. de História/ USP, 1992. (Tese de Doutorado).

<sup>5</sup> Reflexões importantes sobre história oral e sua relação com a história social e da cultura podem ser encontradas em: KHOURY, Yara Aun. Narrativas orais na investigação da história social. **Projeto História**. Revista do Programa de Estudos Pos-Graduados em História e do Departamento de História da PUC/SP. São Paulo: EDUC, n° 22, jun. 2001, pp. 79-101.

abandona a terra e a atividade agrícola para ser servente e cozinheiro em lugar até então desconhecido por ele. As agruras daquele então presente vivido ou a construção imaginária de um futuro diferente?

Levantando um argumento que é comum nas falas dos trabalhadores que forneceram entrevistas para o projeto Memória da Construção de Brasília, o depoente reforça que o entusiasmo para partir para outra região foi a possibilidade de mudar de vida, ganhando muito dinheiro. É difícil afirmar que os nordestinos que se dirigiam para a região de Brasília tinham uma consciência clara, naquele momento, do que seria *arrastar dinheiro com rodo*.

Falando em 1991, depois de uma trajetória que demonstra uma certa satisfação com a sua permanência na cidade até esta data, essa idéia é melhor sistematizada, assim como é reconstruída a noção de atraso com que se refere ao nordeste de onde veio, possibilitando estabelecer um elo de comparação entre a vida que levou em Pernambuco, a que viveu em Brasília na época da construção e a que tem agora como morador desta cidade. Respondendo a uma indagação dos pesquisadores do APDF, sobre como ficou sabendo de Brasília, Queirós afirma:

*"Aí eu vim num caminhão mais um primo meu. Aí disse que estava arrastando um dinheiro com rodo aqui. A notícia era essa: que tinha ouvido falar no jornal, no rádio, a notícia que a gente pegava de interior era quando a gente ia na cidade... A gente escutava as notícias: ouvindo falar isso e tal. E lá na cidadezinha tem um rádio, tem uma coisa, de pilha, de pilha não, de bateria. Não existia pilha nessa época. Se existia, ninguém sabia que existia. Muito atrasado, muito atrasado. Aí a gente pegava aquelas notícias lá, e eu fiquei doido pra vim pra Brasília pra ganhar dinheiro."*

O município de São Vicente Ferrer possuía, em 1975, portanto 18 anos após a sua viagem para Brasília, aproximadamente 13000 habitantes, de acordo com a população estimada em 1º de julho daquele ano pelo IBGE. Situa-se na região do agreste de Pernambuco, uma região entre a mata e o sertão, com solo pedregoso e vegetação escassa. Nas recordações do tempo vivido nessa região, Queiroz se refere ao atraso, simbolizado na ausência do rádio, que é o da região, mas também o vivido por ele nos anos 40 e 50. O atraso é também o da falta de escolas, insuficientes e só no nível primário; o das relações políticas de mando, onde o chefe político local ditava as ordens; o dos modos de viver, de agir cotidianamente nos espaços públicos ou privados; o das carências diárias vividas pela população do lugar, das quais a alimentação aparece como a mais significativa.

Ao justificar sua trajetória no nordeste e as expectativas não realizadas, a memória recria essas experiências do passado e constrói explicações que possuem significados no presente. Nesta

recriação, carências e dificuldades encontradas se mesclam, na tentativa de construir um retrato do viver no interior do nordeste.

Queiroz usa uma expressão muito forte para sintetizar suas lembranças desse tempo vivido em Pernambuco: "*que coisa é o passado, coisa triste. Só coisa triste*". O passado é descrito enquanto negatividade, a partir de outros padrões de vivência experienciados por ele em outros tempos e outros lugares. Após a inauguração da nova capital, ele permaneceu na cidade, exercendo a função de segurança dos Ministros da Educação. Nos anos 90, está estabelecido em Brasília, morando no Cruzeiro Velho<sup>6</sup>.

As experiências de homem adulto trouxe-lhe novas visões sobre o passado, recriou valores, levando-o a questionar as suas experiências de menino com o olhar adquirido nas relações vivenciadas em Brasília. Nesse sentido, a noção de atraso e a tristeza com que ele olha para trás, nas suas lembranças, são juízos de valor construídos a partir daquilo que foi se tornando importante na sua trajetória. Os valores de civilidade, de educação formal, do conforto do hoje amparam também a visão do ontem.

Trabalhar e viver no espaço de uma cidade em construção, mais projeto do que realidade nos anos 1956-1960, aparecem nas lembranças de Queiroz como tempos também de dificuldades, mas ao mesmo tempo de compensações. A jornada de trabalho extensiva; a ocorrência de muitos acidentes nos canteiros de obras; a má qualidade da comida dos peões, feita com o óleo "Sol Levante" "*que dava tanta dor de barriga no povo*"; as péssimas condições dos alojamentos "*cheios de percevejos*"; a falta de assistência médica, com apenas "*o hospitalzinho do IAPI, de tábuas ali*"; a presença de doenças como lepra e chagas; a violência da polícia e as mortes dos trabalhadores, compõem a descrição das dificuldades que os candangos enfrentaram nesse período, que são mediadas pela visão positiva dos salários, "*porque diz que nas obras de Brasília só dava cavalo e nota de mil*". E foi com o que recebeu como remuneração de seu trabalho que Queiroz ajudou a família que ficou no nordeste.

Considerando a cidade de Brasília como o lugar onde os trabalhadores reelaboraram suas experiências de passado, e a partir delas projetaram futuros diferentes daqueles passados vividos, podemos compreender não só as motivações pessoais para a busca de trabalho e o enfrentamento das dificuldades na fase da construção, como as permanências desses trabalhadores na cidade até hoje. Brasília dos anos cinquenta e início de sessenta aparece como um elo de ligação entre um passado de privações e um presente construído por lutas, por conquistas, pelos trabalhadores, que

---

<sup>6</sup> Cruzeiro constitui uma das regiões administrativas do Distrito Federal. O Cruzeiro Velho corresponde a área ocupada a partir de 1955 por aqueles que vieram trabalhar na nova capital. As primeiras construções, blocos de dez casas geminadas, começam a ser edificadas em 1958, destinadas aos funcionários públicos federais transferidos do Rio de Janeiro. Nos anos 60, os moradores enfrentaram situações difíceis como falta de água e luz, invasões, limpeza urbana deficiente.

Ver: <http://www.cruzeiro.df.gov.br>

reorganizaram os espaços da capital, teimando em ficar e permanecendo em um local que não foi pensado para eles. Com isso, os candangos remodelam o projeto de cidade, que não é mais o projeto original, e legitimam lugares e cenários que possuem importância nas suas trajetórias.

O Núcleo Bandeirantes<sup>7</sup> é, nesse sentido, uma referência sempre presente nas lembranças dos trabalhadores. Para Queiroz, o lugar do comércio: "*uma rapadura que você quisesse tinha que ir no Bandeirante. Ia lá no Bandeirante comprava uma sanfona, outro comprava um violão, outro comprava um radiozinho*". Comércio que possibilitava a formação de lugares e momentos de identificação de grupos de trabalhadores nas lembranças das cantorias (*a gente tinha uns sanfoneiros do nordeste*), nos relatos de casos vividos, nas trocas de favores, na constituição de espaços de solidariedade.

O Núcleo Bandeirantes, a antiga Cidade Livre, foi idealizado por Bernardo Sayão para ser um centro comercial e recreativo para os trabalhadores de Brasília. Em 1958, o comércio já era bastante ativo, com padarias, açougues, farmácias, hotéis, bares, empresas de transportes, agência bancária, e a zona boêmia, com a famosa Casa de Mariazinha. Não havia asfalto, nem luz e dos alto-falantes dos postes nas ruas poeirentas, ecoavam música nordestina, anúncios, notícias do Brasil e do mundo e os últimos sucessos dos cantores populares<sup>8</sup>. Esta descrição fornece uma visão de efervescência da Cidade Livre naquele período e como ela foi se tornando um ponto de referência dos trabalhadores. Embora distante do Eixo Monumental, era para lá que eles se dirigiam. Na fala de Queiroz a lembrança do nordeste ali é muito presente e elementos de identificação são pontuados em diversos momentos, como a comida (rapadura) e a música.

A Vila Planalto<sup>9</sup> também é recordada como um dos espaços de convivência e de conflitos vividos pelos trabalhadores. Localizava-se entre os Palácios do Planalto e da Alvorada, em área próxima às obras, na parte sul do Eixo Monumental. Na época da construção de Brasília, a Vila Planalto ocupava uma área extensa, formada por acampamentos das construtoras. O Lago Paranoá

---

<sup>7</sup> O Núcleo Bandeirante surgiu em 1956 com o nome de Cidade Livre, porque lá era não só permitido residir como também negociar, com isenção de tributação. A perspectiva era que a cidade desaparecesse com a inauguração de Brasília. Com isso os lotes não foram vendidos, mas emprestados em forma de comodato àqueles interessados em estabelecer residência ou comércio. A partir de 1960 os contratos de comodato foram cancelados e os comerciantes transferidos para a Asa Norte. Os terrenos desocupados foram invadidos por famílias de baixa renda. Em 1961, o governo, pressionado pelo movimento popular, cria oficialmente a cidade com o nome de Núcleo Bandeirante.  
Ver: <http://www.codephan.df.gov.br>

<sup>8</sup> ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL. **Núcleo Bandeirante, a cidade que nasceu livre**. Cadernos de Pesquisa 9. Brasília, 2001.

<sup>9</sup> A Vila Planalto surgiu da instalação dos acampamentos das construtoras. A Rabello e a Pacheco Fernandes foram as primeiras firmas, ainda em 1956, a se instalarem longe da Cidade Livre para construir, respectivamente, o Palácio da Alvorada e o Brasília Palace Hotel. Com o término destas obras, os acampamentos foram transferidos para o local da hoje Vila Planalto, onde permanecem muitos dos seus antigos funcionários, vivendo nas construções originais. A Vila Planalto é um conjunto urbano constituído de casas de madeira que formam agrupamentos diversificados. Pelo seu reconhecido valor histórico, foi tombada em 1988.  
Ver: <http://www.depha.df.gov.br>

cobriu parte desta área. Nas lembranças dos trabalhadores, a vila é uma referência não só do trabalho, mas também do lazer e das tensões vividas ali:

*"... Ou se não se ia ali pra Vila Planalto, que ali tinha um auto falante. Aí chegava lá, você pagava ao cara pra tocar aquelas músicas. O que você queria ouvir. Você tava cheio de saudade, tocava aquelas música e, às vezes, oferecia também pra uma pessoa que você gostava ali, que tava querendo aquela mulher. Aí oferecia pra aquela, mas tinha que ter cuidado pra ver se aquela mulher não tava... senão o cara vinha lhe pegar. Vinha lhe pegar na faca. E aí tinha, às vezes, o cara tocava sanfona, às vezes, arranjava assim aquelas mais, aquelas velhas, aí dançava com elas."*

A maior parte dos trabalhadores foi para Brasília só, sem mulher, sem família. A saudade e o sentimento de isolamento passaram a fazer parte do seu cotidiano. Esta situação favorece a ida de meretrizes, acreditando nas possibilidades de um mercado de trabalho que se abria. A relação que se estabelece entre elas e os candangos faz do Hotel de Brasília um outro ponto de referência na memória, um lugar que *"não era um hotel não, era uma zona, uma barracaiada lá cheia de quarto"*. Mas era onde o candango se sentia "doutor":

*"E aí, interessante, é que todo mundo chegava lá, as mulher perguntava o que era que ele fazia, não tinha um servente. Não tinha, trabalhava tudo em escritório. Aí eu ria, rapaz. E aí eles chegava - o peão é bicho desgraçado - ele se arrumava todo, se ajeitava, perfumava, penteava aquele cabelo cheio de poeira, de terra, era metade de terra; e se arrumava todo e se benzia e saia. Depois entrava num sapatão, engraxava. Pegava a jardineirinha. Quando chegava lá no hotel pra pegar as mulher o que que você é? Não, eu trabalho no escritório. No mesmo, no outro dia ele tava empurrando uma jirica cheia de concreto. Pegado num picareta, rapaz. Pegado num picareta, na pá, lá. Aí lá na zona, na namorada, era tudo chefe de escritório, trabalhava tudo em escritório."*

Essas outras referências, que localizam em outros lugares que não o Palácio da Alvorada ou o Congresso Nacional, os pontos evocados pela memória, podem ser analisados como espaços de constituição de identidade dos trabalhadores em Brasília. Simbolizam experiências que foram compartilhadas, marcadas por aproximações e conflitos. O Núcleo Bandeirante, a Vila Planalto, o Hotel Brasília encerram essas vivências ao mesmo tempo individuais e socializadas. Nelas, é o

cotidiano do trabalhador que emerge da narrativa: as suas dificuldades em se adaptar em uma situação nova, mas que acreditava ser promissora; os seus enfrentamentos às situações adversas, muitas vezes se adaptando às condições precárias do viver; os seus valores adquiridos sem dúvida ao longo da trajetória vivenciada.

Ao relatar suas experiências em Brasília, aquelas que a memória preservou e que foram realimentadas e refeitas na trajetória vivida nesses anos todos como morador da cidade, a narrativa de Queiroz identifica a si mesmo e, ao mesmo tempo, a muitos trabalhadores que percorreram trajetórias semelhantes.

Eronildes Guerra de Queiroz foi um trabalhador da construção da nova capital; foi participante e observador dos acontecimentos naquele período e sobre eles construiu as suas interpretações; transformou-se em um morador da nova cidade após a inauguração, lançando sobre ela novos olhares; e coloca-se também como ator-sujeito na narração de todo o processo histórico vivido, no momento em que é o personagem principal da entrevista gravada, em 1991, pelo Arquivo Público do Distrito Federal. Na sua fala emerge o significado de Brasília como esperança. Esperança primeiro de ganhar dinheiro, depois de mudar de vida em um país que fosse diferente, porque diferente seria a sua capital. A frustração com os destinos do Brasil, manifesta na sua crítica à revolução demagógica e aos governantes, não apaga os desejos contidos.

\*\*\*\*\*